

なぜ？

*Naze? Por que?
Diário de uma trajetória*

Pergunto e, perguntei durante os oito anos que vivi no Japão: por quê? Uma dúvida que como uma companheira fiel, que nos melhores e piores momentos, estava ali ao meu lado, escoltando-me com carinho e compaixão.

Uma questão que não silenciava, faltavam justificativas, não eram suficientes as usualmente utilizadas pela maioria das pessoas, que como eu, migrei para aquele país: os motivos financeiros.

Haveria um quê, um porquê, uma razão mínima que fosse para amenizar a condição de decasségui; talvez no fundo fosse essa a busca por uma resposta.

Mas, não foi assim que tudo aconteceu afinal, pois mesmo agora, definitivamente de volta ao Brasil, não tenho a tal resposta. Possuo indícios que me fazem supor que para além da consciência abrandada, houve uma consciência transformada, onde cada passo dado, cada decisão, mesmo os erros e os acertos, foram tijolos para a construção de uma experiência infinita e particular.

Dos possíveis caminhos que tive quando fiquei desempregada no final de 2000, decidi seguir a trilha daqueles que viram no Japão, uma perspectiva de futuro. Na bagagem: o medo e a esperança.

Por quê? Ali foi o início de toda série de porquês que se seguiram, por isso o título do diário. Foram os vários questionamentos que me conduziram a aprofundar essa vivência e que definiram a intensidade do aprendizado, que ora reúno aqui, em alguns registros daquilo que traduz o que senti, observei e principalmente absorvi naqueles anos na terra dos meus ancestrais.

愛
及
す
る
こ
と

♥ *Por que amamos?*

De repente,
estávamos frente a frente,
olhos nos olhos. Seus olhos
brilhavam de pura
felicidade e eu soube: que
me amava.

Estranheza e alegria,
eram os meus
sentimentos, afinal, dali
há dois dias, ele estaria se
casando e, eu não era a
noiva.

Mas essa luz que nele
vibrava, ensinava-me um
Amor que eu desconhecia;
de transcendente que se
tornara.

Naquele momento, fui
feliz por ele, e, com
ele. Ainda sou.



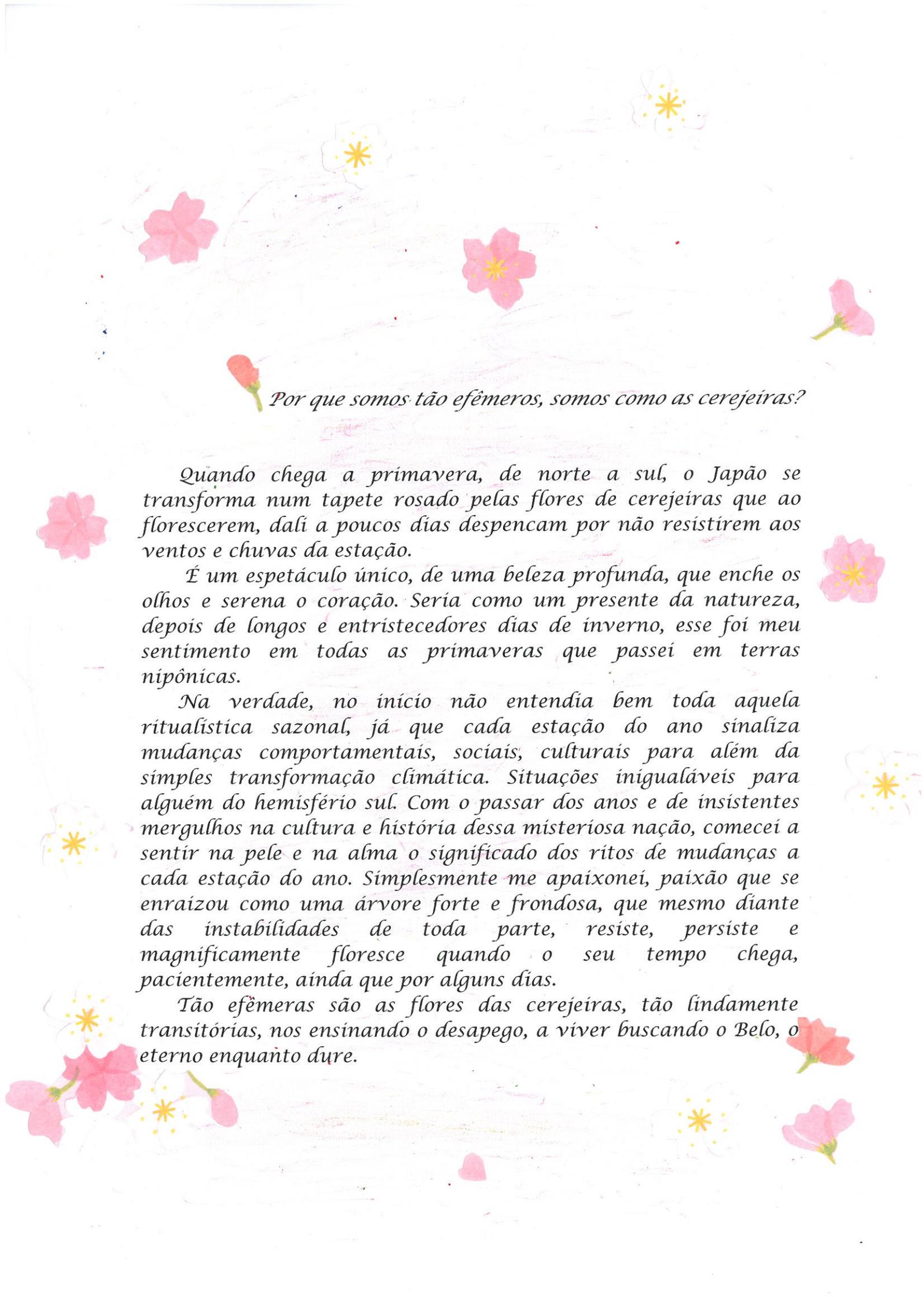


Por que não canso de te admirar?

*Eram quase seis horas da manhã, eu pedalando
minha magrelinha, invariavelmente atrasada.
Tentando despistar o vento gelado que me perseguia,
quase perco o espetáculo!*

*Mas amém, o sinal fechou e quando olhei para o
lado, lá estava ela - um fio de prata, minguando no céu.*

*Muitas luas já passaram por mim, algumas por
descuido, ignorei. No entanto, várias, valeram ter
vivido o suficiente para admirá-las!*



Por que somos tão efêmeros, somos como as cerejeiras?

Quando chega a primavera, de norte a sul, o Japão se transforma num tapete rosado pelas flores de cerejeiras que ao florescerem, dali a poucos dias despencam por não resistirem aos ventos e chuvas da estação.

É um espetáculo único, de uma beleza profunda, que enche os olhos e serena o coração. Seria como um presente da natureza, depois de longos e entristecedores dias de inverno, esse foi meu sentimento em todas as primaveras que passei em terras nipônicas.

Na verdade, no início não entendia bem toda aquela ritualística sazonal, já que cada estação do ano sinaliza mudanças comportamentais, sociais, culturais para além da simples transformação climática. Situações inigualáveis para alguém do hemisfério sul. Com o passar dos anos e de insistentes mergulhos na cultura e história dessa misteriosa nação, comecei a sentir na pele e na alma o significado dos ritos de mudanças a cada estação do ano. Simplesmente me apaixonei, paixão que se enraizou como uma árvore forte e frondosa, que mesmo diante das instabilidades de toda parte, resiste, persiste e magnificamente floresce quando o seu tempo chega, pacientemente, ainda que por alguns dias.

Tão efêmeras são as flores das cerejeiras, tão lindamente transitórias, nos ensinando o desapego, a viver buscando o Belo, o eterno enquanto dure.

*Por que estudar o idioma japonês?
Aos mestres com carinho!*

Talvez eu tenha que admitir que esteja em dívida com aqueles que foram responsáveis pelo maior tesouro que descobri ao desbravar as terras nipônicas. Foram ao todo quatro mestres, melhor, guias: Manno-san, Suzuki-san, Tottori-san e Nakayama-san. Deles aprendi mais que o idioma, aprendi a amar o povo japonês e, conseqüentemente a amar a japonesa em mim. Digo dívida, pois não sei se retribuí o suficiente, não que assim fosse exigida, mas que o muito que recebi transborda minha capacidade de doar.

Nesse instante só tenho muitos e infindáveis agradecimentos, pois fui alimentada pelos mais belos sentimentos e conhecimentos que um ser humano pode ofertar para outro.

Foram inesquecíveis as várias lições, relembro Manno-san tentando entender porque no Brasil falávamos o português enquanto o resto da América do Sul falava o espanhol e eu tentando contar a história do descobrimento e da origem do nome do nosso país e a graça que foi ela mostrando num antigo livro didático de sua filha, discorrendo sobre Pedro Álvares Cabral e a descoberta do Brasil. Através dela fui levada a conhecer Kyoto - sua terra natal e a desvendar a história de um grupo de samurais - os Shinsengumi - que fui provocada a acompanhar pela TV e que desencadeou em mim uma sede incessante por histórias de samurais e foram surpreendentes as sincronicidades que afloraram então.

Com Suzuki-san tive uma única e extraordinária aula de história do Japão, onde ele traçou uma linha do tempo e nomeou as eras e suas principais características, enfocando principalmente os aspectos culturais - sua especialidade. Ele era uma sumidade, conhecia quase todos os museus, através dele descobri um templo perto de onde eu vivia e que tinha uma estátua de um dos Shinsengumi; reencontrei-me com a poesia de Matsuo Bashô, pelos haicais que Suzuki-sensei declamava com tanto entusiasmo.

De Nakayama-sensei, num cartão que me enviou:

"Coisas que não posso esquecer: de perdoar, um coração grato, palavras de gratidão. sonhos, esforços, um coração gentil, um belo sorriso, amar, pedir perdão e o seu aniversário! A você que creio estar do outro lado do Japão! Oro sempre pela sua felicidade. Continue estudando japonês."